

COMPOUNDO ENCONTROS ENTRE A LOUCURA E A CIDADE

Como um prédio em um pedestal enclausurado. **É assim que o Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP)**, com um gramado imenso em sua frente, apresenta-se àqueles que caminham ou passam – de ônibus, de automóvel, de bicicleta – pela **Avenida Bento Gonçalves, no Bairro Partenon em Porto Alegre/RS**.

Afastado da Avenida que o percorre e cercado de grades, o **HPSP compõe-se distante da cidade, das pessoas, dos transeuntes, do mundo**. Frente a esse distanciamento e à afirmação de uma posição fixada em um pedestal, o projeto “Compondo encontros entre a loucura e a cidade” pretende possibilitar encontros e conexões entre o HPSP e a cidade.

A pretensão esboçada no parágrafo acima relaciona-se e é embasada na **Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001 (Lei da Reforma Psiquiátrica)**, a qual redireciona o modelo assistencial em saúde mental, ao propor um cuidado singular aos sujeitos em sofrimento psíquico, bem como um tratamento que privilegia a inserção social e em serviços comunitários e/ou substitutivos ao modelo asilar (internação), como é o exemplo dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

Interessante pensar no HPSP como localizado em um pedestal, mas também no **imenso espaço urbano destinado à loucura**, em determinado momento histórico. Em meados dos anos 60, por exemplo, o HPSP alcançou a sua máxima **superlotação: 5500 internos**. Sobre os pacientes internados, geralmente eram sujeitos com **condutas consideradas socialmente**

inapropriadas, para além de sujeitos com um sofrimento psíquico insuportável ou importante. A loucura aparece, nesse contexto, como uma construção social e, de certo modo, o projeto “Compondo encontros entre a loucura e a cidade” pretende implicar-se a uma causa que também é social.

Dessa maneira, conectar o HPSP à cidade implica também conectar a cidade ao HPSP e, além disso, possibilitar a **reinserção dos “moradores crônicos” do Hospital à rede de saúde e aos demais espaços urbanos que circundam o terreno da intervenção**. Em um movimento de “ir e vir”, a propósito, o projeto pretende **aproximar a comunidade em relação ao HPSP, através de um teatro, de um museu, de atividades propostas no espaço etc e, especialmente, através do jardim localizado em frente ao prédio**. Assim, aquele jardim que até então distanciava o HPSP da avenida, dos fluxos e da cidade, passa a ser um espaço de conexão e de possibilidade de encontro das pessoas externas ao Hospital em relação a este, e das pessoas internas ao HPSP em relação à cidade e a espaços outros.

Por falar em conexões cidade-HPSP, o projeto de revitalização do prédio histórico em questão **prevê que um restaurante** ocupe uma parte do segundo pavimento. Um restaurante com a intenção de aproximar pessoas externas ao HPSP, até as dependências do espaço, bem como de **gerar lucros ao local**. O ambiente contará, ainda, com uma **vista privilegiada da cidade**, uma vez que se localizará no **último andar do prédio histórico**.

Seguindo com a intenção de aproximar o HPSP da cidade e vice-versa, uma **Unidade de Ensino Multidisciplinar** desenha-se como possível a ocupar parte do subsolo do prédio histórico (com o setor de administração) e parte do térreo e do segundo andar (com salas de aula). A Unidade referida aparece como um modo

de implementação de um **cuidado – aos moradores crônicos** – que se aproxime o mais possível daquilo que a Lei da Reforma Psiquiátrica prevê. Por isso, a intenção é que os estudantes de diferentes áreas – talvez com ênfase para artes, psicologia, filosofia, enfermagem, educação física, terapia ocupacional, medicina – habitem o HPSP e contem com **aulas, grupos de estudos e pesquisas**, mas também com um espaço de trocas, convívio, aprendizagens e construções que extrapolem suas áreas específicas de atuação, promovendo assim um espaço que terá ressonâncias na prática futura desses alunos e, consequentemente, no cuidado despendido aos usuários dos serviços de saúde mental, incluindo o HPSP.

Além do referido no parágrafo acima, a Unidade de Ensino Multidisciplinar objetiva possibilitar que os profissionais já atuantes no HPSP – psicólogos, psiquiatras, médicos de diferentes especialidades, enfermeiros, educadores físicos, terapeutas ocupacionais, artistas, historiadores, etc – **contem com um espaço de educação continuada e de repensares constantes acerca de suas práticas cotidianas em saúde mental**. Outro público que provavelmente se beneficiará da Unidade remete aos residentes médicos e multiprofissionais. Ou seja, profissionais em formação de pós-graduação, que realizam parte de sua carga horária de “educação em serviço” nas dependências do HPSP. Por fim, para agregar a Unidade de Ensino Multidisciplinar, **há uma Biblioteca** localizada no subsolo do prédio histórico.

Das extremidades da Unidade à centralidade do teatro.... Com uma localização centralizada no prédio histórico, o projeto de revitalização prevê um **teatro de porte pequeno (para 198 pessoas)**, que permita **apresentações dos próprios usuários/moradores do HPSP e também apresentações externas**. A

atividade que acontece desde 1990 nas dependências do HPSP, tanto com moradores crônicos quanto com pacientes interessados e muitas vezes encaminhados por serviços da rede de saúde. **A oficina refere-se a um espaço de acolhida e criação** e, por isso, utiliza-se bastante da pintura e da possibilidade de extravasares no papel. Além das obras do acervo da própria oficina, **o museu pretende contar um pouco da história do HPSP**, através de imagens, textos, poéticas, arcabouços visuais e auditivos... Compondo isso de modo a **expor as primeiras técnicas utilizadas no cuidado aos considerados “loucos”, bem como a história de vida de alguns sujeitos encaminhados ao HPSP quando do auge da lotação do hospital**. Nesse viés, o museu almeja utilizar-se dos arcabouços referidos anteriormente, para apresentar também a **Reforma Psiquiátrica como um avanço no quesito assistencial**, mas que ainda está em processo.

Deslocando-se do prédio histórico, embora permanecendo no mesmo terreno do HPSP... O projeto de revitalização ambiciona a **construção de um prédio de moradia aos pacientes “crônicos”, para os quais o rompimento total do vínculo com o HPSP ainda configura-se difícil**. Frente a isso, o prédio destina-se a esses moradores remanescentes do modelo asilar de cuidado em saúde mental, **não se propondo à inclusão de novos residentes**. Considerando que os moradores são idosos e o **espaço apresenta uma funcionalidade momentânea de residência**, os

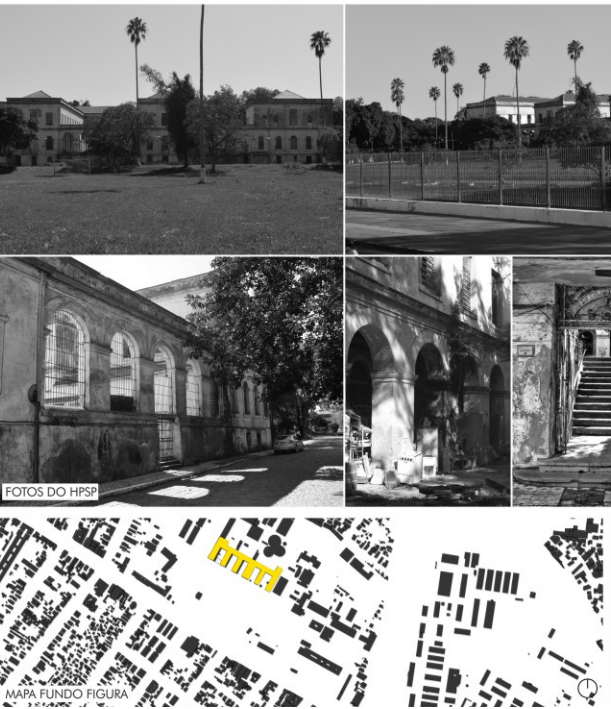
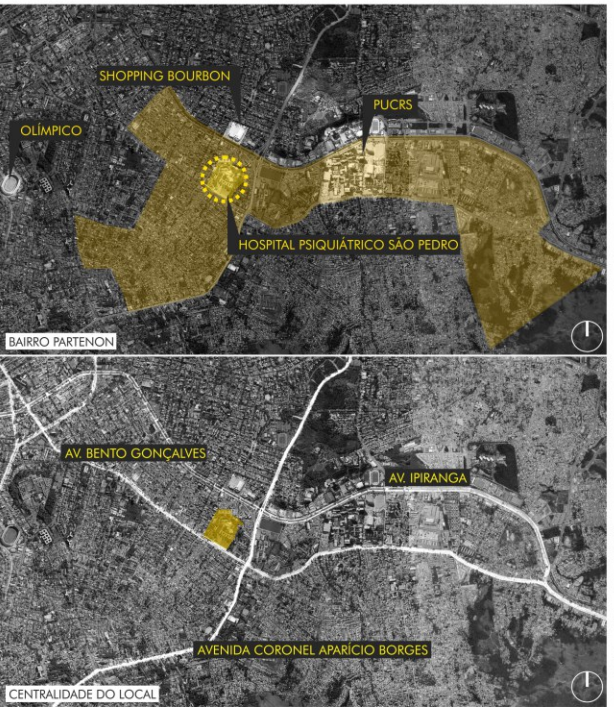
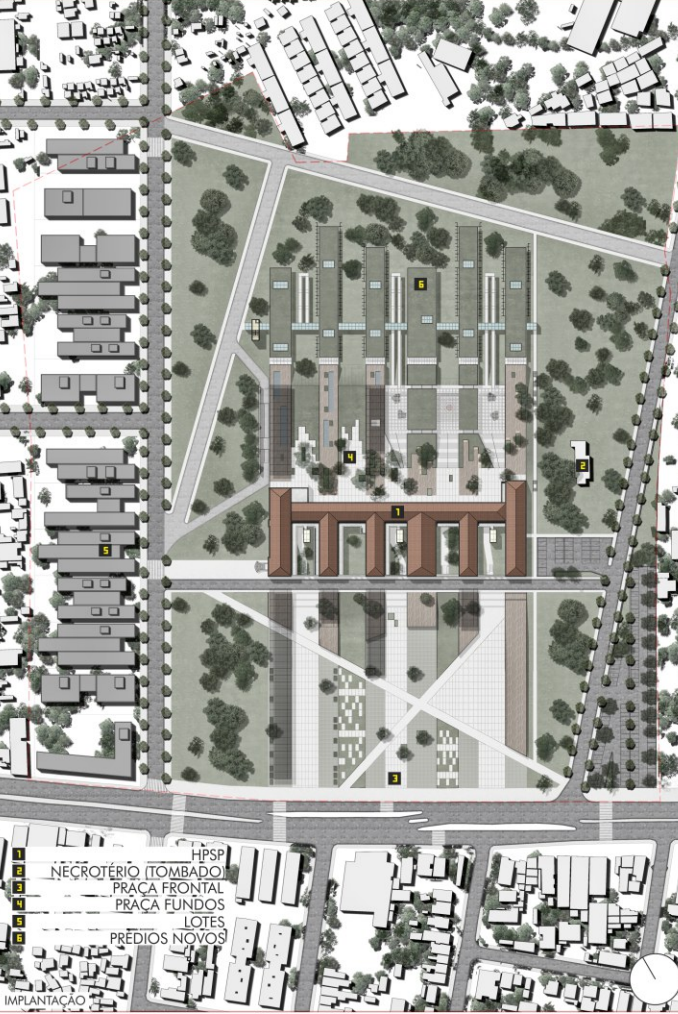
usos futuros do prédio delineiam-se como flexíveis e conforme demanda futura. Não obstante, ainda que a intenção não seja prever rigidamente um destino ao prédio, é importante pensar que **escolas e espaços de acolhimento a crianças e adolescentes seriam opções viáveis**, uma vez que há um **espaço para 252 usuários**, juntamente com **alas para refeitório, enfermaria, biblioteca, salas de oficina e quadra de esportes**.

Para fins de complementação, **o projeto novo segue os alinhamentos do prédio histórico**, mantendo uma conexão com esse último. Sobre o alinhamento, resgata uma antiga proposta arquitetônica de rebatimento do prédio para trás. Quanto à conexão, propicia ao mesmo tempo uma **liberdade ao prédio histórico, não interferindo em sua memória**. Persiste, desse modo, um **rebatimento que não denigre a questão histórica do HPSP**. A propósito, a privacidade dos moradores é assegurada através dessa “distância segura” do HPSP, além de haver uma **liberação de visuais**, como por exemplo, o Jardim Botânico e os fundos do prédio histórico.

Por fim, **um farol compõe a paisagem** revitalizada do HPSP. Tal artefato remete à tentativa de pensar o **território da intervenção como um porto**. Ou seja, como um espaço que permite chegadas e partidas, recepções e despedidas, e não uma fixidez ou um enclausuramento, como acontecia com o espaço asilar de internação. Além disso, se o HPSP remete a um porto, a cidade remete ao mar, pois ao modo da “nau dos loucos” (fenômeno ocorrido durante o Renascimento, intuindo levar os “insanos” de um local até o outro purificando-os através do contato com a água), **a cidade aparece como espaço que possibilita uma ampliação dos cuidados e dos modos de viver dos pacientes**. Talvez, pode-se pensar que não se trata mais de um purificar-se, e sim de um sujar-se com o mundo e a cidade. Não obstante, a purificação, assim como o sujar-se, implica um contato com o entorno: mar/água e cidade/sociedade/mundo, respectivamente.



REVITALIZAÇÃO E RESSOCIALIZAÇÃO DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO
UM RESGATE À REFORMA PSIQUIÁTRICA



P R Ê M I O I A B R S 2 0 1 6
J O S É A L B A N O V O L K M E R

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RS

1/4